



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LUCAS CARDOSO FERREIRA DA SILVA

**A SÉRIE *SEX EDUCATION*: ELEMENTOS PARA SE TRABALHAR SEXUALIDADE
E/OU EDUCAÇÃO SEXUAL NAS AULAS DE BIOLOGIA NO CONTEXTO DO
ENSINO MÉDIO.**

MACEIÓ, AL
2025

LUCAS CARDOSO FERREIRA DA SILVA

**A SÉRIE *SEX EDUCATION*: ELEMENTOS PARA SE TRABALHAR SEXUALIDADE
E/OU EDUCAÇÃO SEXUAL NAS AULAS DE BIOLOGIA NO CONTEXTO DO
ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Alagoas.

Orientação: Prof. Dr. Aleilson da Silva Rodrigues.

MACEIÓ, AL

2025

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586s Silva, Lucas Cardoso Ferreira da.
A série *Sex Education* : elementos para se trabalhar sexualidade e/ou educação sexual nas aulas de biologia no contexto do ensino médio / Lucas Cardoso Ferreira da Silva. – Maceió, 2025.
53 f. : il.

Orientador: Aleilson da Silva Rodrigues.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas: licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde. Maceió, 2025.

Bibliografia: f. 49-53.

1. Furlani, Jimena, 1965- . 2. Educação sexual - Abordagens. 3. Biologia - Estudo e ensino. 4. Sexualidade. 5. Sex Education (Seriado). I. Título.

CDU: 57.017.5

Folha de Aprovação

LUCAS CARDOSO FERREIRA DA SILVA

A SÉRIE *SEX EDUCATION*: ELEMENTOS PARA SE TRABALHAR SEXUALIDADE E/OU EDUCAÇÃO SEXUAL NAS AULAS DE BIOLOGIA NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Alagoas como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Aprovado em: **09 de Abril de 2025** com nota 9,6.

Banca examinadora:



Documento assinado digitalmente
ALEILSON DA SILVA RODRIGUES
Data: 07/05/2025 15:45:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Orientador(a) - Prof. Dr. Aleilson da Silva Rodrigues
(Universidade Federal de Alagoas)



Documento assinado digitalmente
JULIO CESAR DE OLIVEIRA SANTOS
Data: 07/05/2025 15:35:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Examinador(a) Interno(a) - Prof. Dr. Julio Cesar de Oliveira Santos
(Universidade Federal de Alagoas)



Documento assinado digitalmente
ALEXANDRE RODRIGUES DA CONCEICAO
Data: 06/05/2025 09:00:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Examinador(a) Externo(a) - Prof. Dr. Alexandre Rodrigues da Conceição
(Universidade Federal do Paraná)

Dedico,

À minha maluca família, minha mãe Josenilda, meu pai José Cícero (falecido em matéria e vivo em meu coração), minha irmã Lucia e meu sobrinho Lohan Miguel. Sem vocês, eu não teria chegado onde cheguei. Vocês sempre serão sinônimo de amor e apoio para mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos meus, pela força vital que me sustenta, me dá fôlego e energia. São eles que abrem meus caminhos e colocam em minhas mãos os instrumentos para que eu firme, com coragem, cada passo da minha história.

Aos meus amados pais, Josenilda Cardoso Ferreira da Silva e José Cícero da Silva (*in memoriam*), por todo amor incondicional, incentivo e paciência. À minha mãe, por ser minha fortaleza e me acolher com seu carinho em cada desafio. Ao meu pai, cuja presença vive em minhas lembranças e em cada conquista minha. Por serem meu porto seguro, por acreditarem em mim mesmo quando duvidei e por me ensinarem, com amor e exemplo, a sempre dar o meu melhor.

À minha irmã, Lucia Kharinny, por estar sempre ao meu lado, acreditando em mim e me incentivando a ser um pouco melhor a cada dia. Por sua paciência em me ajudar, mesmo sem entender bem e tudo ser confuso, por seu cuidado e proteção e por todas as conversas compartilhadas sobre vitórias, perdas, sonhos e caminhos. Sua presença tornou cada passo mais leve e significativo.

Ao meu amado sobrinho Lohan Miguel, o meu “cabeção”, que, mesmo sem entender, foi o herói da minha vida após a partida do meu pai. Com sua alegria e inocência, me deu forças quando pensei em desistir, enchendo meus dias de luz. E por suas palavras cheias de carinho e admiração, dizendo que estudaria na UFAL igual ao titio – um orgulho imenso que carrego no coração.

À Adelma Gomes, minha irmã de criação, pelo apoio constante e incentivo. Aos meus sobrinhos, Neto e Júnior, pelas dúvidas e curiosidade sobre Ciências e o Ensino Superior, que me enchem de orgulho e motivação.

Ao meu cunhado, Laércio Oliveira, por diversas vezes ir me buscar na UFAL de carro quando não havia mais ônibus e por se preocupar comigo ao me ver em momentos difíceis.

Às minhas amigas de longa data, Edenilda Maria, Camilla Rodrigues, Rafael Antônio e Luan Ferro. Nildão e Milla, mãe e filha, por serem como uma segunda família, sempre presentes, oferecendo apoio, escuta e carinho — mesmo à distância, como no caso da Camilla, que mora em Portugal, sem que nada mude entre nós. Ao Rafael, por estar comigo desde o Ensino Fundamental, compartilhando vitórias, decepções e crescendo juntos. Por me acompanhar nas festinhas gays de Maceió (risos), mesmo sendo heterossexual, por se despir de qualquer preconceito e de me incentivar nessa jornada louca que chamamos de vida. E Luan por estar junto comigo desde o EM e me apoiar e ajudar em várias tanto pessoais como

universitárias. É uma honra tê-lo como amigo pessoal e de profissão.

Aos amigos e amigas que tornaram a caminhada acadêmica mais leve e significativa. À Keilla Mirely, que se tornou a melhor dupla do noturno e uma amiga para a vida. Ao Ismael Inácio, pelas risadas, surtos compartilhados e companhia nas madrugadas. E ao João Vitor, pelas horas de estudo, pelos momentos dentro e fora da universidade (inclusive a grande queda no Francês – risos) e por ser o “Militarys” que levarei sempre comigo.

Com imenso carinho, à minha amiga Giovana Catarina, por ser um verdadeiro porto seguro ao longo dessa jornada. Pelas palavras de apoio nos momentos difíceis, pelos desabafos sinceros e pelas incontáveis e incontroláveis risadas que tornaram tudo mais leve. Pelo carinho genuíno, pela paciência e por me lembrar, sempre que necessário, que eu era e sou capaz. Giovana não foi apenas uma amiga, mas uma presença essencial, que fez toda a diferença no meu caminho, alguém que levarei para a vida.

A Sara, Mayyara, Lavínia, Marina, Ester e todos aqueles que de alguma forma contribuíram para essa caminhada, meu muito obrigado! Vocês são incríveis.

À Engenheira Florestal e às Biólogas incríveis que conheci durante os dois anos de estágio no IMA — Hanna, Helena, Karol e Erlande — pela força nos dias difíceis, pelas manhãs alegres e pelos valiosos ensinamentos. Um carinho especial à Hanna Karen, por seu jeito único e companheirismo, que me ensinou mais do que imagina (risos), e à Maria Helena, pelas conversas, conselhos e exemplo de dedicação, sempre me inspirando a evoluir.

Ao José Hoberto, carinhosamente Beto ou Meu Bem, que, mesmo recente na minha vida, me incentivou, apoiou e esteve comigo de forma fiel nesse processo final, assistindo comigo milhares de vezes (risos) aos episódios, indo dormir ao amanhecer para me fazer companhia e demonstrando compreensão e paciência em diversos momentos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Aleilson da Silva Rodrigues, por toda paciência, atenção e partilha de conhecimento durante a orientação deste trabalho de conclusão de curso, com ênfase em ouvir meus *podcasts* (risos) e por não ter soltado minha mão nos momentos difíceis que a vida nos impõe. Além de ser um exemplo de profissional e pessoa.

Aos professores e professoras que fizeram parte da minha jornada acadêmica — Amanda, Leonora, Dani, Cláudia, Vital, Osvaldo, dentre outros. Com carinho, ao Prof. Dr. Alexandre Rodrigues, que se tornou um amigo, cuja contribuição foi essencial para minha formação como ser humano e como profissional.

À Universidade Federal de Alagoas – UFAL e ao Laboratório de Acessibilidade – LAC, pela oportunidade de ser bolsista e aprender diariamente sobre acessibilidade e sobre ser mais humano.

*“É preferível afrontar o mundo,
servindo a sua consciência, do que afrontar a
sua consciência para ser agradável ao
mundo.”*

Humberto de Campos

RESUMO

O Ensino de Biologia no Ensino Médio (EM) constitui um componente curricular para a promoção de debates sobre sexualidade, gênero e saúde reprodutiva. Contudo, observa-se que esses temas ainda são frequentemente abordados de maneira superficial ou tradicional, sem um diálogo efetivo com a realidade dos estudantes. Este trabalho teve como objetivo analisar episódios da série *Sex Education* sob a perspectiva de seu conteúdo e de sua aplicabilidade como recurso didático em aulas que abordam sexualidade, gênero e Educação Sexual no contexto do EM. A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa, empregando como método de coleta a análise fílmica (Mombelli; Tomaim, 2014) e os resultados submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 2016) baseada nos episódios 1, 6 e 7 da segunda temporada da série. Os episódios foram escolhidos por concentrarem situações-chave sobre sexualidade, como consentimento, pressão social e amadurecimento afetivo, além de apresentarem conflitos e diálogos que favorecem discussões essenciais em sala de aula, alinhando-se à proposta de uma Educação Sexual crítica e próxima da realidade dos alunos. As cenas selecionadas foram categorizadas a partir das oito abordagens de Educação Sexual propostas por Furlani (2005), permitindo discutir como a série aborda temas como identidade de gênero, ISTs, métodos contraceptivos, prazer e consentimento. Os resultados apontam que o uso de recursos audiovisuais, como *Sex Education*, pode possibilitar uma abordagem mais crítica, inclusiva e eficaz sobre Sexualidade/Educação Sexual em sala de aula, favorecendo um ensino mais próximo das vivências dos alunos e rompendo com práticas educativas engessadas, pois será possível trabalhar consentimento identidade de gênero, orientação sexual, relações afetivas e emocionais, ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), métodos contraceptivos, entre outros.

Palavras-chave: Educação Sexual. Ensino de Biologia. Sexualidade. Série *Sex Education*. Abordagens de Furlani.

ABSTRACT

Biology education in Brazilian high schools constitutes a curricular component aimed at promoting discussions on sexuality, gender, and reproductive health. However, these topics are often addressed in a superficial or traditional manner, lacking effective dialogue with students' realities. This study aimed to analyze episodes of the series Sex Education from the perspective of its content and its applicability as a didactic resource in classes addressing sexuality, gender, and Sexual Education in the high school context. The methodology employed was qualitative research, using film analysis as the data collection method (Mombelli & Tomaim, 2014), and content analysis (Bardin, 2016) to interpret the results, focusing on episodes 1, 6, and 7 of the second season of the series. These episodes were chosen because they concentrate key situations related to sexuality, such as consent, social pressure, and emotional development, and present conflicts and dialogues that foster essential discussions in the classroom, aligning with the proposal of a critical Sexual Education close to students' realities. The selected scenes were categorized according to the eight approaches to Sexual Education proposed by Furlani (2005), allowing a discussion on how the series addresses topics such as gender identity, STIs, contraceptive methods, pleasure, and consent. The results indicate that the use of audiovisual resources, such as Sex Education, can enable a more critical, inclusive, and effective approach to Sexuality/Sexual Education in the classroom, promoting teaching that is more connected to students' experiences and breaking away from rigid educational practices. It also provides opportunities to work on themes such as consent, gender identity, sexual orientation, emotional and affective relationships, sexually transmitted infections (STIs), contraceptive methods, among others.

Keywords: Sexual Education, Biology Teaching, Sexuality. Sex Education Series. Furlani Approaches.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa de divulgação da 2ª temporada da série Sex Education.....	29
Figura 2 – Metodologia de busca do conteúdo na série.....	30
Figura 3 – Esquema simplificado da Análise.....	31
Figura 4 – Cena no tempo aproximado: ~2min 13s. Otis descobre sobre a masturbação.....	33
Figura 5 – Cena no tempo aproximado: ~10min 25s. O surto de clamídia na escola.....	35
Figura 6 – Cena no tempo aproximado: ~22min 49s. Otis não entende porque não se excita.....	36
Figura 7 – Cena no tempo aproximado: ~7min 55s. Anwar fala com Otis sobre sexo.....	38
Figura 8 – Cena no tempo aproximado: ~17min 43s. Eric fala sobre ser gay.....	39
Figura 9 – Cena no tempo aproximado: ~39min 23s. Adam conversa com Eric.....	40
Figura 10 – Cena no tempo aproximado: ~12min 27s. Otis e Ruby vão comprar uma pílula.....	42
Figura 11 – Cena no tempo aproximado: ~30min 07s. O grupo de meninas compartilha histórias de assédio.....	44
Figura 12 – Cena no tempo aproximado: ~43min 39s. Lily conversa com Ola sobre o que sente.....	45

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis

LGBTQIAPN+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pan, Não-binárias e mais.

ONU – Organização das Nações Unidas

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

OMS – Organização Mundial da Saúde

MEC – Ministério da Educação

EM – Ensino Médio

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1.	Educação Sexual	18
2.2.	Sexualidade, Gênero e Educação Sexual nos documentos	19
2.3.	Concepções da Educação Sexual: as abordagens de Furlani (2005)	22
2.4.	Modalidades e Recursos Audiovisuais no Ensino	25
3.	METODOLOGIA	28
3.1.	Característica da pesquisa	28
3.2.	Coleta de dados	28
3.2.1.	Escolha da série	28
3.2.2.	Procedimento de Coleta de dados	30
3.2.3.	Análise dos dados	31
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
4.1.	Episódio 1 - Masturbação e Clamídia	32
4.1.1.	Situação 1	33
4.1.2.	Situação 2	35
4.1.3.	Situação 3	36
4.2.	Episódio 6 - A Festa do Otis	37
4.2.1.	Situação 4	38
4.2.2.	Situação 5	39
4.2.3.	Situação 6	40
4.3.	Episódio 7 - Menino do Sexo	41
4.3.1.	Situação 7	42
4.3.2.	Situação 8	44
4.3.3.	Situação 9	45
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49

1. INTRODUÇÃO

O Ensino de Biologia desempenha um papel fundamental na educação, sendo um componente obrigatório em todos os currículos escolares devido à sua relevância para a compreensão dos processos vitais e seu impacto na vida cotidiana. A disciplina não apenas explora os aspectos fundamentais da biologia, mas também prepara os indivíduos para compreender e interpretar as últimas descobertas e avanços científicos. Conforme observado por Krasilchik (2004, p.11), a “formação biológica capacita os alunos a contextualizar a importância da ciência e da tecnologia na sociedade contemporânea”, promovendo assim uma visão crítica e informada do mundo ao seu redor.

O Ensino de Biologia proporciona aos estudantes uma base sólida para explorar e investigar questões complexas relacionadas à saúde, ao meio ambiente e à sustentabilidade. Ao aprender sobre os processos biológicos e os princípios científicos subjacentes, os indivíduos não apenas adquirem conhecimentos teóricos, mas também desenvolvem habilidades práticas que são cruciais para enfrentar os desafios globais emergentes (Leite *et al.*, 2017). Portanto, a integração de uma educação biológica robusta não só enriquece o desenvolvimento pessoal dos alunos, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais informada, consciente e engajada com os avanços científicos e suas implicações no mundo moderno.

Segundo Schön (2000) o Ensino de Biologia no Brasil apresentava grandes dificuldades decorrentes de diversos fatores, entre eles estão a estrutura das escolas, a qualidade e formação dos docentes, as condições de vida dos alunos, e ademais. Um dos fatores que colocam o Brasil nesse cenário e se expande até os dias atuais é o uso exclusivo de aula expositiva para o ensino de Biologia. Esse método é o mais comum para o ensino por ser de fácil aplicação e preparação, não gerando muito esforço para o professor, porém por muitas vezes pode causar um comprometimento na aprendizagem do aluno, dificultando a sua compreensão do conteúdo e causando um afastamento do estudante com a matéria (Nascimento *et al.*, 2011).

Modalidades didáticas alternativas para o ensino, como o uso de discussão, aulas práticas, demonstrações, aulas de campo, são muito importantes e necessárias no âmbito do ensino de Ciências e Biologia, pois são processos que oferecem uma nova abordagem para o aprendizado do aluno, mudando a monotonia típica das aulas expositivas, em que quando são bem planejadas e aplicadas o aproxime dos conteúdos propostos e torne mais interessante sua

prática e vivência com o mesmo, assim facilitando o seu aprendizado (Silva *et al.* 2015; Nicola, Paniz, 2016).

O uso de recursos audiovisuais como filmes e séries representa uma abordagem educacional dinâmica e enriquecedora no ensino de Ciências e Biologia, pois esses materiais não apenas complementam o ensino tradicional, mas também oferecem uma maneira cativante de conectar os conteúdos acadêmicos com a realidade vivida pelos alunos (Farias; Santos; Nativo, 2023). Logo, ao integrar elementos visuais e auditivos, os educadores podem criar experiências de aprendizagem mais imersivas e memoráveis, adaptando-se aos diferentes estilos de aprendizagem dos estudantes. Conforme destacado por Barros, Girasole e Zanella (2013), o cinema, por exemplo, não se limita a transmitir informações; ele também promove reflexão crítica e desenvolvimento de habilidades interpessoais, contribuindo assim para uma educação mais abrangente e para a formação do caráter do indivíduo.

Além disso, a utilização de recursos audiovisuais nas salas de aula contemporâneas não é apenas uma tendência, mas uma resposta necessária às demandas de uma sociedade em constante digitalização e crescente valorização do visual. Essas mídias oferecem uma linguagem acessível que ressoa profundamente com os jovens, tornando-se um recurso pedagógico poderoso para engajar os alunos e tornar os conceitos acadêmicos mais relevantes e aplicáveis à vida real. Borba e Oechsler (2018) enfatizam que as produções audiovisuais podem contribuir para a contextualização dos temas científicos de maneira mais interativa. Ao estimular o pensamento crítico e a análise contextual, o uso estratégico de recursos audiovisuais não apenas facilita a compreensão dos conteúdos disciplinares, mas também prepara os estudantes para enfrentar desafios complexos e desenvolver uma visão mais ampla do mundo. Assim, ao integrar o cinema e outras formas de mídia audiovisual no currículo educacional, as instituições não apenas enriquecem o processo de ensino-aprendizagem, mas também fortalecem a formação integral dos indivíduos, promovendo uma educação mais inclusiva e eficaz (Aguiar; Freire; Sousa, 2020).

Debruçando-se na pesquisa de Batista (2004), os filmes/séries podem impactar de maneira significativa, pelo menos a curto prazo, as crianças e os adolescentes, assim o seu bom uso pode gerar grandes benefícios e proporcionar uma melhora significativa na aprendizagem geral dos alunos.

A existência de diversos *tabus*, preconceitos e a falta de diálogo somam para que crianças e adolescentes fiquem vulneráveis sobre o seu corpo e sua sexualidade. Para mudar esse cenário, especialistas na área, como a coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade da Universidade de São Paulo, Carmita Abdo, são enfáticos ao defender a

Educação Sexual na escola como um meio para possibilitar que os jovens conheçam o próprio corpo, promovendo orientação e proteção (Centro de Educação Integral, 2019). Trazer essas orientações para as crianças significa explicar sobre privacidade, autoproteção, sentimentos e consentimentos.

Apesar de muitos professores não se sentirem confortáveis em abordar o tema da sexualidade em sala de aula, seja por questões religiosas ou pela falta de formação específica, é fundamental reconhecer a importância de integrar a Educação Sexual no currículo escolar. Furlani (2005) observa que a escola frequentemente silencia ou fragmenta o tema, tratando a sexualidade de maneira limitada e centrada apenas nos aspectos biológicos. Já Santos (2017) aponta que essa resistência por parte dos docentes está relacionada à ausência de políticas públicas efetivas, à insuficiência na formação inicial e continuada e à influência de valores culturais e religiosos que ainda permeiam o ambiente escolar. Lima *et al.* (2022) destacam que a falta de formação adequada é uma das principais dificuldades enfrentadas pelos professores ao abordar a sexualidade, mas ressaltam que a inclusão da Educação Sexual no currículo escolar é essencial para prevenir violências relacionadas a gênero e sexualidade. Lidar com a sexualidade em uma perspectiva inclusiva e cidadã, é essencial para o desenvolvimento emocional, social e psicológico dos indivíduos desde a infância. Ao criar um ambiente seguro e inclusivo para discutir questões de sexualidade, as escolas não só ajudam os alunos a compreender e respeitar sua identidade sexual e de gênero, mas também incentivam o respeito à diversidade (Machado, 2023).

É imperativo que os educadores se sintam capacitados e apoiados para abordar esse tema de maneira sensível e informada, oferecendo informações precisas e baseadas em evidências científicas. A Educação Sexual não se restringe apenas à biologia reprodutiva, mas também abrange temas como consentimento, saúde sexual e relações saudáveis. Portanto, ao incorporar essa educação de forma adequada, as escolas devem desempenhar um papel crucial na preparação dos jovens para uma vida adulta responsável e autônoma, equipando-os com o conhecimento e as habilidades necessárias para tomar decisões informadas sobre sua saúde e bem-estar sexual ao longo da vida.

Apesar dessa relevância, a busca pela expressão da afetividade e por prazer na juventude nem sempre é amparada por uma educação que aborde a sexualidade em seus aspectos biológicos, culturais e sociais, como já recomendava os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), de Ciências da Natureza, publicado pelo Ministério da Educação (MEC). O resultado disso é a continuidade de comportamentos de risco, como o não uso de proteção durante a relação sexual, por exemplo. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde

do Escolar (Pense), em 2019, dos adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental sexualmente ativos, 33,8% disseram não ter usado camisinha na última relação sexual. Apesar disso, 7 em cada 10 afirmaram ter recebido informações a respeito da utilização dos preservativos na escola. Ou seja, apenas passar informação não é suficiente. Essa porcentagem cresce grandiosamente quando olhamos para os alunos entre 14 a 18 anos, aqueles que estão no Ensino Médio, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que dialoguem de forma mais efetiva com as realidades e demandas desses jovens.

Além disso, a falta de uma reflexão mais ampla sobre a sexualidade humana também favorece a persistência da intolerância e da violência, enfraquecendo o combate ao preconceito, ao abuso sexual infantil, à violência contra a população LGBTQIAPN+ e contra a mulher – tópicos fundamentais para o Brasil, que ainda convive com índices alarmantes de crimes dessas naturezas. Avançar na oferta de uma Educação Sexual de maior qualidade nas escolas é, portanto, literalmente uma questão de vida ou morte. (Franco, 2023).

Diante do exposto e sabendo do *tabu* ao se trabalhar assuntos relacionados à sexualidade dentro da sala de aula, surge como alternativa o uso de recursos áudio visuais, em específico a série *Sex Education* da plataforma de *streaming Netflix* (<https://www.netflix.com/br>). Pois aborda temas relacionados a esse espectro com naturalidade e com uma fácil linguagem, facilitando assim, a discussão do professor de biologia nas aulas em que forem direcionadas ao tema.

Vale ressaltar também que de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), a Educação Sexual está relacionada ao direito que toda pessoa tem à saúde, educação, informação e não discriminação (UNESCO, 2016). Assim, o objetivo principal da Educação Sexual é promover a conscientização entre crianças e adolescentes (Gagliotto, 2011). Sendo assim, eles estarão mais preparados para lidar com situações relacionadas à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), métodos contraceptivos, mudanças no corpo, entre outras situações.

Com isso, percebe-se que Sexualidade e Gênero são trabalhados de maneira engessada, arcaica, de forma não discutida/dialogada e/ou as vezes nem são trabalhadas no Ensino Médio (Ribeiro, 2019). Logo, essa pesquisa buscou responder a seguinte questão: Que elementos se pode utilizar da série *Sex Education*, em tradução aberta Educação Sexual, para trabalhar sexualidade, gênero e/ou Educação Sexual nas aulas de Biologia no Ensino Médio? Dessa maneira, o objetivo geral foi analisar episódios da série *Sex Education* sob a perspectiva de seu conteúdo e de sua aplicabilidade como recurso didático em aulas que abordam Sexualidade, Gênero e Educação Sexual no contexto do EM.

Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa visou identificar na série os assuntos sobre sexualidade, gênero e/ou a Educação Sexual, classificar as discussões sobre sexualidade na série Sex Education, de acordo com as abordagens de Furlani (2005) e relacionar a abordagem de sexualidade e/ou gênero e/ou Educação Sexual na série com fundamentos curriculares e metodológicos do Ensino de Biologia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Educação Sexual

A sexualidade vai além do sexo biológico; é um aspecto abrangente na vida humana que engloba orientação sexual, prazer, conexão emocional, identidade, erotismo, e pode ser expressa através de sentimentos, desejos, pensamentos, fantasias, valores e comportamentos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade pode ser definida como:

[...] Uma energia que nos motiva a procurar amor, o contato, a ternura, a intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, nos movemos, nos tocamos e somos tocados; é ser sensual e ao mesmo tempo sexual. Ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações com os outros e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental. (OMS, 2000, p.09)

Segundo Rossi, Freitas e Chagas (2012), é crucial destacar que as políticas públicas de educação no Brasil, em níveis federal, estadual e municipal, começaram a abrir espaços reflexivos e de aprendizagem sobre sexualidade e relações de gênero. No entanto, é evidente que essas iniciativas são recentes e, frequentemente, não são implementadas de forma consistente pelas instituições educacionais e pelos docentes. Essa lacuna resulta em uma deficiência significativa no que diz respeito à educação sobre sexualidade e suas múltiplas implicações na vida dos estudantes.

Diniz, Talamoni e Maio (2025) reforçam que, ao longo do século XX e início do XXI, a Educação Sexual no Brasil enfrentou avanços e retrocessos, evidenciando a importância de políticas educacionais que valorizem a diversidade e promovam igualdade de gênero. Os autores destacam que, para além da visão higienista e biologicista tradicional, a sexualidade precisa ser discutida de forma crítica e inclusiva, considerando os aspectos socioculturais e afetivos que permeiam as vivências dos estudantes.

A curiosidade inata dos adolescentes sobre seu corpo e seu psicológico, especialmente após a puberdade, é frequentemente abordada de maneira limitada. Furlani (2005) descreve essa abordagem predominante como biológica-higienista, onde a Educação Sexual é focada principalmente na saúde, enfatizando a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (ISTs) e a compreensão dos processos fisiológicos, como a gravidez.

Essa abordagem reduz a complexidade da sexualidade a aspectos meramente biológicos e preventivos, negligenciando discussões essenciais sobre identidade de gênero, orientação sexual, relações interpessoais e consentimento. A falta de uma abordagem holística

na Educação Sexual pode deixar os jovens desinformados e despreparados para lidar com questões emocionais e sociais relacionadas à sexualidade.

A resistência cultural e social em abordar temas de sexualidade e gênero de maneira aberta e inclusiva contribui para a perpetuação de estigmas e preconceitos. Para que a Educação Sexual seja eficaz e significativa, é necessário um esforço conjunto entre políticas públicas bem estruturadas, formação contínua de professores e o envolvimento ativo da comunidade escolar, e é principalmente da comunidade escolar que se tem um maior aproveitamento. Corroborando a isso, Santos (2017) aborda em um dos seus trabalhos que embora a escola seja predominantemente um espaço heteronormativo¹, ela também possibilita brechas para outros pontos de vista e discursos, especialmente aqueles relacionados às identidades de gênero e sexualidade. Assim, se pensa na criação de um ambiente educacional que promova o conhecimento abrangente e a compreensão crítica sobre sexualidade e gênero, preparando os jovens para uma vida saudável e consciente.

A importância da Educação Sexual tanto dentro quanto fora das escolas é inegável, especialmente considerando que toda a estrutura da sociedade é influenciada por uma sexualidade consumista, caracterizada pela busca individual por prazer (Nunes, 1987). Essa busca está presente entre todos os indivíduos, incluindo os estudantes, tanto dentro quanto fora das instituições de ensino. Portanto, abordar a sexualidade no ambiente escolar é essencial, pois proporciona informações valiosas para o autoconhecimento, permitindo que a exploração da sexualidade seja realizada de maneira saudável e natural.

2.2. Sexualidade, Gênero e Educação Sexual nos documentos

O Brasil tem documentos que apontam na direção de uma abordagem da sexualidade de modo amplo. Voltados ao Ensino Fundamental Anos Finais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), datados de 1998, já apontavam a necessidade de tratar a temática de maneira transversal, considerando que a sexualidade tem um significado muito mais amplo e variado do que simplesmente a reprodução. Entre as demais temáticas propostas pelo documento estão: levar em consideração o que os estudantes já sabem sobre sistemas reprodutores humanos masculino e feminino e os aspectos psicológicos envolvidos; abordar as emoções envolvidas na sexualidade, como os sentimentos de amor, amizade, confiança, autoestima, desejo e prazer sem julgamentos morais (Brasil, 1998, p.292).

¹ O termo heteronormativo refere-se a padrões sociais, culturais e institucionais que pressupõem a heterossexualidade como norma, reforçando expectativas sobre comportamentos, identidades e relações afetivo-sexuais.

Essa abordagem ampla e inclusiva visa não apenas fornecer informações biológicas precisas, mas também promover uma compreensão mais profunda e respeitosa da diversidade humana. Ao integrar esses temas de maneira educativa e sensível, as escolas não só cumprem com seu papel de preparar os estudantes para uma vida adulta responsável, mas também contribuem para o desenvolvimento de cidadãos críticos e empáticos.

Essas discussões pressionaram o MEC a incluir, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), aprovados em 1997, a questão de gênero como um tema transversal. Os PCNs destacam que essa temática está presente em praticamente todas as áreas do conhecimento, sendo fundamental para a construção de uma educação voltada ao respeito às diferenças e à promoção da equidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) funcionam como diretrizes para as escolas, mas não estabelecem objetivos de aprendizagem detalhados, papel que cabe à Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Embora a parte da BNCC que fala sobre o Ensino Fundamental inclua temas relacionados à Educação Sexual, aspectos essenciais como gênero e orientação sexual foram suprimidos do documento, o que limita uma abordagem mais ampla e aprofundada da temática.

O documento prevê que os adolescentes desenvolvam habilidades como analisar as transformações da puberdade, discutir a eficácia dos métodos contraceptivos e compreender a responsabilidade frente à gravidez precoce e às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Além disso, sugere o debate sobre as “múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética)”, mas sem aprofundar ou contextualizar esses elementos dentro de um ensino que dialogue com a realidade dos estudantes.

Complementando essa análise documental, Faustino e D’Affonseca (2021) relatam uma experiência prática de abordagem da Educação Sexual com crianças e adolescentes, destacando que a inclusão dos temas de gênero e sexualidade nas escolas é essencial para o enfrentamento de preconceitos e para a construção de um ambiente educacional respeitoso. As autoras evidenciam como práticas efetivas, baseadas na escuta e no diálogo, podem contribuir para uma compreensão mais ampla e crítica da sexualidade, respeitando a diversidade.

Já na parte da BNCC (Brasil, 2018) que retrata o Ensino Médio, a abordagem se torna ainda mais restrita. A única menção relacionada ao tema aparece no eixo Vida, Terra e Cosmos, onde o termo “reprodução” (p.556) é citado sem qualquer aprofundamento nas questões de gênero, diversidade sexual ou saúde reprodutiva. Esse apagamento não apenas reflete um retrocesso na inclusão desses debates no ambiente escolar, mas também reforça a falta de suporte para que professores possam trabalhar esses temas de maneira fundamentada

e pedagógica. Na prática, essa lacuna curricular pode perpetuar desinformação, reforçar tabus e impedir que os jovens tenham acesso a uma Educação Sexual crítica e embasada, essencial para a construção de autonomia e responsabilidade sobre seus próprios corpos e relações.

É notório perante a história que a Educação Sexual sempre esteve presente no âmbito escolar, seja por regras de conduta e comportamentos esperados, ou como abordagens restritas em determinadas áreas de estudos.

Britzman (2001) aponta que a escola se tornou o lugar para trabalhar os corpos das crianças, dos adolescentes e também das professoras (a autora usa apenas o feminino). Com isso adota-se a ideia de normalidade, o que posteriormente tornou-se a base do movimento higienista. Nesse sentido, a Educação Sexual destaca a possibilidade de se trabalhar o corpo como (re) produtor de significados que são socialmente construídos.

Ao incorporar a Educação Sexual nas práticas pedagógicas, as escolas não apenas abordam questões biológicas e fisiológicas, mas também questionam e desafiam as normas culturais e sociais que moldam as percepções sobre o corpo e a sexualidade. Nesse sentido, é importante refletir sobre como alguns conflitos relacionados ao corpo, gênero e sexualidade se manifestam no contexto escolar, especialmente no ensino de Biologia, onde ainda predomina a ênfase em uma compreensão essencialista do corpo e da sexualidade, como expressões naturais e imutáveis dos corpos, independentemente das diferenças culturais e sociais. Ao reconhecer o corpo como um espaço de significação social e natural, a Educação Sexual não só capacita os indivíduos a compreenderem melhor a si mesmos e aos outros, mas também promove uma reflexão crítica sobre as normas e valores que influenciam a construção das identidades pessoais e coletivas (Santos; Oliveira, 2020).

César (2009) analisa que a Educação Sexual já era preocupação para os médicos, intelectuais, professores e professoras que povoavam o universo educacional brasileiro nos anos 20 e 30 do século XX. Sendo que desde o final do século XIX o sexo já era objeto de discussão entre médicos e educadores que defendiam a presença de uma educação para a higiene dos jovens, servindo a propósitos higienista com forte influência de ideias reproduzidas na Europa e Estados Unidos, inclusive na questão da eugenia, que tinha como preocupação a questão da descendência e pureza da raça, tendo uma raça como mais ou menos inferior, configurando um racismo com base científica.

A eugenia, em particular, alimentou um racismo científico que classificava certas raças como superiores ou inferiores, promovendo políticas eugenistas que visavam controlar a reprodução humana para purificar a população. Essas ideias influenciaram as políticas públicas de saúde e educação durante esse período, impactando diretamente as discussões

sobre a sexualidade e a formação dos jovens. Portanto, a história da Educação Sexual no Brasil é marcada por uma interseção complexa entre preocupações sanitárias, científicas e ideológicas que moldaram as políticas educacionais e as percepções sociais sobre sexualidade, raça e identidade.

Segundo a autora, em 1922, Fernando de Azevedo – importante reformador educacional – destacava a importância da Educação Sexual como de ‘interesse moral e higiênico do indivíduo’ e para o ‘interesse da raça’ (Marques, 1994 apud César, 2009). “Assim, nascia o interesse da educação nacional pela Educação Sexual como matéria nas escolas brasileiras”. (César, 2009, p.50).

Com esse primeiro desdobramento abriu-se espaço para que diversos outros entendimentos em relação à Educação Sexual também passassem a fazer parte do cotidiano escolar.

Além do fato de que o tema em questão não aparece nos documentos que norteiam a educação no Brasil no que se refere ao EM, a situação se agrava ainda mais devido à falta de preparo dos professores, a influências religiosas e à percepção de que a abordagem da temática não seria necessária. Como destacam Moreira e Felmer (2015), Oliveira et al. (2017), Lins et al. (2017) e Figueiró (2011): “[...] a Educação Sexual é essencial nas escolas, mas enfrenta desafios como a falta de formação docente, preconceitos e ausência de políticas públicas claras”.

Esse cenário reforça a necessidade de políticas educacionais mais abrangentes, que garantam formação adequada aos professores e integrem a temática da sexualidade de maneira efetiva no currículo escolar. No entanto, mesmo diante da ausência dessas diretrizes, ainda é possível abordar o tema de diversas formas, utilizando metodologias alternativas e recursos que dialoguem com a realidade dos alunos, promovendo uma educação mais inclusiva e reflexiva.

2.3. Concepções da Educação Sexual: as abordagens de Furlani (2005)

Furlani (2005, pp. 203-240) identificou oito abordagens que repercutem no cenário de Educação Sexual no Brasil, mostrando que diferentes formas coabitam no mesmo ambiente, que esse está atravessado muitas vezes por posicionamentos contrários em torno de uma mesma questão.

Biológica-Higienista é a primeira abordagem que Furlani (2005) explica. Ela parte do princípio de que a biologia é fundamental e indispensável para a sociedade. Sua principal

característica é a ênfase no ensino voltado para a promoção da saúde e a prevenção de ISTs, gravidez indesejada e reprodução humana. Nessa perspectiva, a diferenciação entre homens e mulheres é baseada em atributos corporais, o que pode contribuir para a perpetuação de preconceitos como machismo, sexismo, homofobia e misoginia. Além disso, essa abordagem se apoia em um currículo restrito, focado estritamente no conteúdo programático, sem aprofundar outras dimensões da sexualidade e das relações humanas.

A segunda abordagem da Educação Sexual é a Religiosa-Radical, caracterizada principalmente pela adesão rígida às interpretações bíblicas, que são apresentadas como verdades absolutas e incontestáveis. Nesse contexto, a Bíblia é vista como um guia infalível para regular a vida dos fiéis, pregando, entre outros aspectos, a castidade. Além disso, essa abordagem divide a sexualidade entre o que é considerado normal e anormal, com um forte enfoque nas restrições que impõe. O sexo antes do casamento e as relações homoafetivas são comumente vistos como pecados, sendo condenados com base nesse ponto de vista religioso. Essa perspectiva, portanto, desconsidera a diversidade de experiências e orientações sexuais, tratando-as como desvios em relação à moralidade imposta pela religião.

Em seguida, Furlani (2005) apresenta uma outra abordagem da Educação Sexual, a Moral-Tradicionalista, que tem como defesa ao retorno do que é tradicional, normal e moralmente aceitável e conhecido pela sociedade, pois é uma forma eficaz, por exemplo, de prevenir doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejadas. Dentro desse modelo, a família assume o papel central como mediadora da Educação Sexual, sendo vista como a responsável por orientar os jovens nesse aspecto. No entanto, essa abordagem geralmente evita tratar o tema de maneira aberta, preferindo ocultar informações essenciais sobre sexualidade e prevenção. Ao fazer isso, muitas vezes contribui para a perpetuação de estigmas e preconceitos, uma vez que não aborda de forma adequada e informada os métodos de prevenção. Além disso, essa abordagem tende a fomentar a discriminação, não apenas em relação ao sexo, mas também em relação à orientação sexual, perpetuando atitudes de exclusão e julgamento em relação a indivíduos que não se conformam com as normas tradicionais estabelecidas pela sociedade.

A abordagem Terapêutica, conforme Furlani (2005), foca no aspecto psicológico do indivíduo, buscando compreender as questões relacionadas à sexualidade a partir de uma perspectiva clínica. Nesse modelo, os sujeitos são incentivados a “buscar causas” para explicar vivências sexuais que são consideradas “anormais” ou associadas a algum tipo de “problema sexual”. A proposta dessa abordagem é, então, oferecer uma “cura” para essas situações, com a promessa de reverter o que é visto como disfuncional ou problemático. No

entanto, essa abordagem frequentemente adota uma visão simplista e imediatista, ao apresentar conclusões genéricas e universais sobre os problemas da vida sexual. Em vez de considerar as complexidades e as diversas nuances da sexualidade humana, ela tende a rotular essas experiências como problemas a serem corrigidos, ignorando as variabilidades individuais e as diferentes formas de expressão sexual. Essa visão reducionista não leva em conta os contextos culturais, sociais e emocionais que moldam a vivência sexual dos indivíduos, limitando-se a uma perspectiva de “cura” que pode não ser adequada ou eficaz para todos os casos.

Uma outra perspectiva é a abordagem Queer, que, conforme Furlani (2005), emerge de uma corrente teórica vinculada a grupos marginalizados. Nos anos 90, esses grupos começaram a utilizar o termo de maneira provocativa, associando-o a expressões como "viadinho", "sapatão", "maricona" e "mari-macho". A abordagem Queer se distingue por não conceber uma identidade de gênero ou sexualidade fixa, rejeitando a dicotomia entre o que é considerado "normal" ou "anormal". Ao contrário de outras abordagens, ela não propõe nenhuma normatividade que reforce estereótipos, mas sim uma aceitação da diversidade sexual em todas as suas formas. Assim, diferentes identidades de gênero e sexualidade podem ser reconhecidas no ambiente escolar sem o risco de preconceito ou discriminação. Essa perspectiva também rompe com o modelo binário de gênero, que limita as pessoas a se definirem como exclusivamente masculinas ou femininas. Ao fazer isso, a abordagem Queer abre espaço para novas formas de entendimento das dimensões sexuais, desafiando a heteronormatividade e permitindo que todos, independentemente de seu gênero ou orientação sexual, possam se expressar livremente

No contexto brasileiro, a abordagem Emancipatória está profundamente relacionada à educação libertadora proposta por Paulo Freire. Ao desenvolver a "Pedagogia do Oprimido", Freire formulou um modelo educacional baseado na liberdade e na conscientização crítica, que foi aplicado em diversos contextos, como na escolarização formal, em sindicatos, partidos políticos e movimentos sociais. Suas teorias tiveram um impacto significativo nas lutas pela redução das desigualdades sociais. A abordagem emancipatória na educação propõe que o indivíduo tenha a capacidade de criar seus próprios mecanismos de reflexão e ação, estabelecendo uma relação entre o “eu” e a consciência crítica. Isso resulta na liberdade de escolha, alinhando-se com os princípios dos Direitos Sexuais, ao oferecer um caminho seguro para a autonomia e o respeito pelas diversas identidades e experiências sexuais.

A abordagem dos Direitos Sexuais são alicerçados nos valores da liberdade, dignidade e igualdade para todos, sendo essenciais para a formação integral do indivíduo. Esses direitos

incluem a autonomia sexual, a liberdade, a integridade, o prazer, a justiça, a expressão emocional, a escolha livre do parceiro, e a Educação Sexual abrangente, entre outros. O direito de viver a sexualidade de maneira plena e sem temor ou arrependimento, bem como a liberdade de expressar os desejos de forma genuína, são princípios centrais dessa abordagem. Além disso, é reconhecido o direito de vivenciar a sexualidade sem limitações impostas pela idade, condição física ou estado civil. A liberdade de escolher um parceiro sexual, com base na autonomia e no respeito, também é um ponto fundamental. Por último, é essencial que a sexualidade seja vivida sem violência, coerção ou discriminação, promovendo um ambiente de total respeito e consentimento mútuo.

A abordagem dos Direitos Humanos tem como objetivo discutir e questionar as representações negativas historicamente impostas a determinados grupos sociais, especialmente àqueles cujas identidades foram marginalizadas ao longo do tempo. Essas exclusões podem ocorrer por diversos fatores, como classe social, etnia, sexo, gênero e sexualidade, refletindo desigualdades estruturais presentes na sociedade. Ao estar diretamente ligada aos princípios dos direitos humanos, essa abordagem busca não apenas reconhecer, mas também combater tais desigualdades, promovendo uma sociedade mais justa e equitativa. Seu foco está na valorização da diversidade e na construção de um ambiente onde todas as pessoas sejam respeitadas em sua individualidade, garantindo direitos fundamentais e ampliando o debate sobre inclusão e representatividade em diferentes espaços sociais.

2.4. Modalidades e Recursos Audiovisuais no Ensino

De acordo com Krasilchik (2004) algumas das modalidades que são utilizadas no ensino de Biologia, são a aula expositiva, discussões, demonstrações, aulas práticas, excursões, simulações, instrução individualizada e projetos. Tais modalidades podem ser utilizadas de diversas formas e em diversas ocasiões em sala de aula, dependendo de o professor aplicar da maneira correta e do modo que possa aproveitar mais tal ferramenta.

Para uma boa utilização de uma modalidade didática é imprescindível uma análise prévia de diversos fatores que influenciam na sua escolha para que se haja um melhor aproveitamento no seu uso, a partir dessa perspectiva há a necessidade de o professor já estar preparado, saber o seu público alvo e a melhor forma de se abordar um conteúdo.

Essas modalidades podem ser utilizadas a partir de diversos critérios. Segundo Krasilchik (2004) as modalidades didáticas podem ser classificadas a partir das atividades desenvolvidas, tais como: falar – aulas expositivas, discussões, debates; fazer - simulações,

aulas práticas, jogos, projetos e mostrar - demonstrações, filmes, séries etc. De acordo com Krasilchik (2004) outros critérios que também podem ser avaliados, são a partir do objetivo do ensino, a transmissão de informações, desenvolvimento da criatividade e da capacidade de resolver problemas. Também se podem separar as modalidades a partir da possibilidade de melhor servir aos objetivos do ensino de biologia, aplicando para transmitir as informações, realizar investigações e analisar causas e implicações do desenvolvimento no ensino de biologia.

Assim, a partir dessa grande variedade de critérios existentes para a aplicação das modalidades didáticas, cabe ao professor escolher a melhor forma e qual se adequa mais a sua forma de ensino e seu objetivo de ensino na hora da aula. Segundo Krasilchik (2004) para ocorrer uma escolha da modalidade didática ideal para sua aplicação, depende do conteúdo e dos objetivos selecionados, da classe a que se destina, do tempo e dos recursos disponíveis, assim como dos valores e convicções do professor.

A linguagem audiovisual vem cada vez tendo mais importância nos diversos âmbitos da sociedade, podendo ser usada de diversas formas e para muitas finalidades, assim esse recurso ao longo dos tempos está sendo mais estudado, para se ter uma melhor análise de todas as suas utilizações e impactos causados.

A televisão tem a capacidade de fazer as pessoas sentirem emoções como alegria e tristeza, ou seja, a linguagem audiovisual reúne aspectos que despertam a atenção dos indivíduos, como cores, sons, imagens, movimentos, músicas, envolvendo-os desde muito pequenos (Nakashima; Amaral, 2006, p. 40).

O uso de recursos audiovisuais tem ganhado espaço como estratégia nas escolas, por estar presente no cotidiano da maioria da população. A importância deste tema é significativa, uma vez que a sociedade moderna tem no uso da imagem e do som uma de suas principais características (Rosa, 2000, p. 33).

Ele também apresenta outras finalidades para o auxílio do ensino, apresentando vantagens na sua aplicação para os alunos. Desta forma, o cinema pode muito bem servir como instrumento útil ao processo de ensino e aprendizagem, pois educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo escolar é ensinar a ver diferente (Coelho; Viana, 2010).

Esse recurso além de apresentar um aspecto de motivar a aprendizagem dos alunos, segundo Rosa (2000, p. 39) quando se apresenta filmes na aula eles quebram o ritmo da aula, alterando a rotina da sala de aula. O que desperta o interesse dos alunos na aula tornando mais dinâmica.

Isso também pode ser avaliado pelas conclusões de Coelho e Viana (2010), os quais argumentam que o uso de filmes em sala de aula pode tornar as aulas mais dinâmicas e o cotidiano escolar passa a ser menos cansativo para o professor e aluno, também tornando os estudantes mais interessados pela aula “fugir” do comum.

Teles (2023) reforça que o uso de mídias audiovisuais no contexto educacional tem potencial para tornar o ensino mais dinâmico e acessível, especialmente em disciplinas como Ciências e Biologia. O autor destaca que, para além da simples exibição de conteúdos, é fundamental que esses recursos sejam integrados de forma crítica e planejada, permitindo o desenvolvimento de competências cognitivas e reflexivas nos estudantes.

3. METODOLOGIA

3.1. Característica da pesquisa

O trabalho se apresenta como uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois tem como propósito a análise de um fenômeno por meio da interpretação de evidências baseadas em dados verbais e visuais (Marconi & Lakatos, 2010). A pesquisa qualitativa investiga significados, percepções e interpretações relacionadas ao objeto de estudo, permitindo uma compreensão mais aprofundada e contextualizada dos dados analisados. Além disso, não se limita à quantificação de informações, mas busca explorar a complexidade das interações sociais e culturais envolvidas, valorizando a subjetividade e a construção do conhecimento a partir das experiências e narrativas dos sujeitos envolvidos.

3.2. Coleta de dados

3.2.1. Escolha da série

Iniciamos uma pesquisa nos principais serviços de *streaming* (*Disney Plus, Globo Play, HBO Max, Netflix e Prime Video*), com o objetivo de encontrar um filme ou série que abordasse assuntos sobre sexualidade e/ou gênero de forma acessível para o público jovem, sem apelo pornográfico. Dentro desse contexto, a série *Sex Education* surgiu como uma opção relevante, pois, quando assistida em momentos de desopilar, apresentava diversos episódios que tratavam do tema de maneira rica e explicativa. Com isso, ao reassisti-la sob a perspectiva de um estudante de ciências biológicas e futuro professor, identifiquei elementos na obra que poderiam ser discutidos dentro da abordagem de pesquisa do trabalho.

A série *Sex Education* é uma comédia dramática britânica original da Netflix, lançada em 11 de janeiro de 2019. A trama gira em torno dos estudantes, pais e professores da escola fictícia Moordale, abordando temas ligados à sexualidade e relações interpessoais. Otis Milburn (Asa Butterfield) é um adolescente socialmente inseguro, que vive com sua mãe, Jean (Gillian Anderson), uma terapeuta sexual. Ele decide abrir uma clínica informal de aconselhamento sexual junto com sua colega rebelde Maeve Wiley (Emma Mackey) e seu melhor amigo Eric Effiong (Ncuti Gatwa), um jovem gay que lida com questões de aceitação e identidade. Na segunda temporada, exibida em 2020, Otis enfrenta novos desafios ao tentar manter um relacionamento sério com Ola (Patricia Allison), ao mesmo tempo em que uma epidemia de clamídia se espalha pela escola, exigindo que ele volte a aconselhar os colegas (ADOROCINEMA, 2019, 2020).

Cada episódio conta com aproximadamente 50 minutos de duração. Classificada para maiores de 16 anos, a série foi anunciada em novembro de 2017, com suas primeiras imagens e data de estreia divulgadas em dezembro de 2018, seguido pelo trailer oficial na primeira semana de 2019. Criada por Laurie Nunn, dirigida por Ben Taylor e produzida por Jamie Campbell e Joel Wilson. Vale ressaltar que apenas três semanas após sua estreia, a segunda temporada (2020) foi confirmada e devido ao sucesso deu continuidade até a quarta e última temporada.

Cabe mencionar, também, que a introdução de cada episódio vem de uma cena que problematiza a sexualidade com personagens da série, sem muitos indícios da ficção, ou seja, do que irá acontecer no restante da série. Apesar de haver uma unidade narrativa, os episódios podem ser compreendidos de maneira independente, mesmo que diferentes fatos sejam retratados como ocorrendo simultaneamente e com continuidade. Nesse contexto, os personagens apresentam variadas personalidades e aspectos psicológicos, dando representatividade à juventude.

Figura 1 – Capa de divulgação da 2ª temporada da série *Sex Education*



Fonte: Correio Braziliense, 2019.

3.2.2. Procedimento de Coleta de dados

A coleta de dados foi conduzida por meio da análise fílmica (Mombelli; Tomaim, 2014) dos episódios selecionados da série. Os dados foram registrados de forma descritiva em um diário de anotações. A obtenção dos dados da pesquisa consistiu, primeiramente, na definição da série, conforme já descrito, seguida pela exploração de seu conteúdo.

Foram assistidos os oito episódios completos da segunda temporada, cada um com duração de aproximadamente 50 minutos. A análise foi conduzida com base na proposta de análise fílmica de Mombelli e Tomaim (2014), com foco em aspectos narrativos, visuais e simbólicos, como os diálogos, a construção dos personagens, os cenários e as cenas que abordam temas como sexualidade, consentimento e gênero. Essas observações foram registradas no diário de anotações, sempre alinhadas com a literatura do referencial teórico, com a finalidade de reconhecer aspectos que possam contribuir para a abordagem da sexualidade no contexto do Ensino de Biologia.

Figura 2 – Metodologia de busca do conteúdo na série.



Fonte: Fluxograma adaptado de Rodrigues, 2022.

Após assistir todos os episódios da série escolhemos a segunda temporada para se dar uma ênfase maior e selecionar os episódios que foram trabalhados. A segunda temporada foi escolhida devido a sua grande quantidade de acontecimentos relacionados ao tema do trabalho em questão, de forma leve e do cotidiano, além de dar um pontapé para enredos futuros que se desenvolvem na série. Foram feitos os registros de 3 episódios da série, mais especificamente dos episódios 1(um), 6(seis) e 7(sete). A partir do processo de observação, todos os trechos nos quais identifiquei conteúdo relativo às abordagens de sexualidade (Furlani, 2005) foram registrados em diário o número e título do episódio e minuto aproximado do trecho identificado. Em seguida, realizei capturas de imagem e descrição das cenas, constituindo-se assim o corpus de dados da análise. Cada episódio foi assistido no mínimo duas vezes para se ter o registro inicial de informações.

Os registros em forma de diário, contendo as cenas analisadas e os minutos

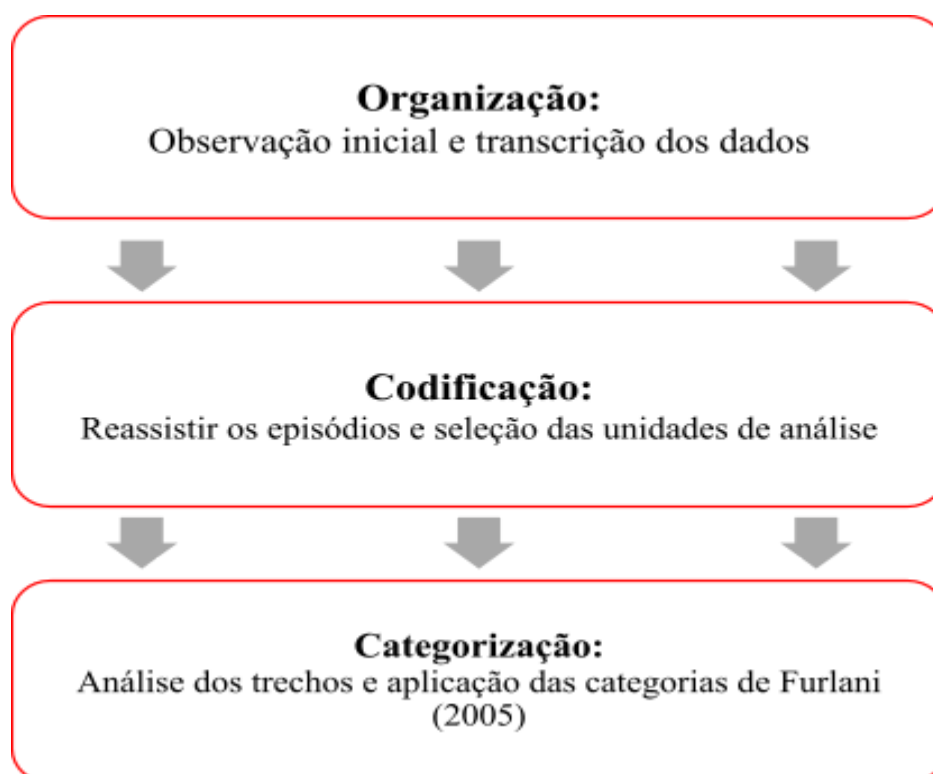
aproximados em que os eventos ocorrem, foram realizados a partir do acesso à série por meio da plataforma de *streaming Netflix* (<https://www.netflix.com/br>). Através dessa plataforma a série foi acessada e os episódios foram assistidos conforme descrito. As imagens utilizadas neste trabalho são capturas de tela da série *Sex Education* (Netflix, 2019), realizadas com o objetivo exclusivo de análise acadêmica, sem quaisquer fins lucrativos ou comerciais. Ressalta-se que o uso dessas imagens está respaldado pelo Artigo 46, inciso III, da Lei nº 9.610/1998, que permite a utilização de trechos de obras para fins didáticos e críticos, desde que devidamente referenciados. Todas as imagens foram creditadas à obra original.

3.2.3. Análise dos dados

Para analisar os dados, utilizei a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), que se baseia em três etapas: organização, codificação e categorização. A fase de organização ocorreu por meio da observação inicial, com registro das informações e transcrição dos dados.

Com base nos registros das cenas, reassisti aos episódios para a codificação das unidades de análise, constituídas a partir dos trechos previamente selecionados. As categorias utilizadas foram definidas a priori, com base nas abordagens de Educação Sexual propostas por Furlani (2005), que serviram de referência para a organização e interpretação dos dados.

Figura 3 – Esquema simplificado da Análise.



Fonte: O autor, 2025

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha da segunda temporada de *Sex Education* se deu porque a mesma aborda temas essenciais para a Educação Sexual, como identidade de gênero, sexualidade fluida e consentimento, que são tratados de forma acessível e inovadora. Ela aprofunda o desenvolvimento dos personagens, trazendo mais exemplos de vivências sexuais e afetivas, o que se alinha com as abordagens de Furlani (2005). Além disso, a temporada pode ser usada para discutir resistência cultural e social à Educação Sexual, destacando a importância de políticas públicas e a formação docente.

Ao invés de apenas exibir filmes ou séries em sala de aula, a ideia é integrar esses recursos audiovisuais a uma abordagem pedagógica estruturada, utilizando os mesmos para fomentar discussões críticas e contextualizadas sobre temas que, apesar de essenciais para a formação dos estudantes, ainda não estão devidamente contemplados nas habilidades descritas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o que gera uma grande interrogação na cabeça dos professores quando o assunto é o que se trabalhar e como se trabalhar.

Dessa forma, ao longo dos resultados apresentados, foram destacados trechos específicos da série que oferecem um material rico e adequado para ser trabalhado de maneira fluida e contextualizada em sala de aula. As cenas e situações selecionadas foram analisadas com base nas abordagens de Furlani (2005). Além disso, cada trecho que foi descrito está acompanhado de uma contextualização, indicando o momento exato em que ocorre dentro da obra e justificando sua relevância para a discussão em um ambiente educacional.

4.1. Episódio 1 - Masturbação e Clamídia

O episódio começa de forma cômica, mostrando Otis cada vez mais consciente de sua sexualidade, mas enfrentando dificuldades com sua compulsão masturbatória recém-descoberta. A narrativa exagera essas situações, tornando-as constrangedoras, como quando Jean o flagra e tenta iniciar uma conversa sobre o assunto. Essa abordagem cômica e ao mesmo tempo desconfortável do tema sexualidade pode ser relacionada à proposta de Furlani (2005), que defende a importância de se falar sobre a sexualidade sem tabus, e a necessidade de abordagens mais naturais e descomplicadas nas escolas. Além disso, Otis teme ter perdido a capacidade de ter ereções após o excesso de masturbação, o que afeta seu momento íntimo com Ola. Esse tipo de insegurança juvenil, em relação à identidade sexual e ao corpo, é um tema relevante na literatura de sexualidade adolescente, abordado por Santos (2017), que discute como essas inseguranças se manifestam nas experiências escolares.

Enquanto isso, Maeve, expulsa da escola, trabalha em um quiosque de pretzels e reencontra sua mãe e sua meia-irmã. Esse encontro a motiva a mudar de atitude: ela pinta o cabelo, pede demissão e luta para ser readmitida na escola, chantageando Groff com redações fraudulentas. A resistência de Groff em integrar a educação sexual de forma mais aberta é um reflexo da realidade educacional discutida por Santos e Oliveira (2020), que destacam como a inserção de temas de gênero e sexualidade nos currículos ainda esbarra em resistência por parte de educadores e instituições. Otis, inicialmente relutante em continuar a clínica sem Maeve, decide ajudar Fiona, vítima de bullying por causa da doença. Eric tenta assumir o lugar de Maeve na clínica, mas falha, reforçando a importância da presença de Maeve. O episódio também introduz Rahim, que ignora Ruby, mas elogia Eric, abordando mais uma vez a questão da identidade sexual e do reconhecimento de outras formas de afeto.

O episódio ilustra bem como a série explora a sexualidade de maneira acessível, sem estigmatizar e sem impor modelos rígidos. A série utiliza as inseguranças de Otis e os dilemas de Maeve para discutir a sexualidade de forma integrada, sem limitar a discussão aos aspectos biológicos. Essa abordagem é apoiada por Furlani (2005), que sugere a Educação Sexual como um processo de ampliação da compreensão sobre o corpo, os sentimentos e as relações sociais. Além disso, a crítica à desinformação que permeia o episódio se alinha aos argumentos de Santos e Oliveira (2020), que ressaltam a importância de se discutir sexualidade de maneira mais ampla e realista nas escolas, a fim de combater a falta de informações adequadas e promover um entendimento mais inclusivo e moderno sobre o tema.

4.1.1. Situação 1

Figura 4 – Cena no tempo aproximado: ~2min 13s. Otis descobre sobre a masturbação.



Fonte: *Sex Education* (Netflix, 2020)

Nesta primeira situação (figura 4), Otis se dá conta de que a masturbação está acontecendo de forma exacerbada e profere a fala: Otis (sozinho): "Agora não. Isso não pode estar certo... Eu preciso parar...".

Tal situação se enquadra na abordagem, classificada por Furlani (2005), Moral-Tradicionista. A cena ilustra como a sexualidade muitas vezes é vista como algo vergonhoso e reprimido, reforçando normas sociais conservadoras. Esse sentimento de culpa em relação à masturbação tem raízes históricas e culturais, sendo amplamente discutido por autores como Costa (2004), que analisa como discursos médicos e religiosos construíram a ideia da sexualidade como algo a ser controlado e moralmente regulado. Além disso, o tabu é ainda mais acentuado quando se trata do sexo feminino, historicamente silenciada e invisibilizada, fazendo com que práticas como a masturbação sejam cercadas de culpa, vergonha e desinformação.

Nesse sentido, essa cena se torna relevante para a Educação Sexual, pois evidencia como a sexualidade, especialmente a masturbação, é frequentemente envolta em culpa e tabu. Ao retratar o desconforto de Otis, a série *Sex Education* expõe uma visão moral-tradicionista que ainda permeia muitos espaços educativos, dificultando o diálogo aberto sobre o tema. Trazer essa discussão para a sala de aula permite desconstruir mitos, oferecer informações científicas sobre a masturbação como uma experiência natural e saudável e reduzir sentimentos de vergonha que podem impactar a relação dos jovens com a própria sexualidade.

Além disso, abordar essa temática no ambiente escolar possibilita conexões com conteúdos da disciplina de biologia, como o funcionamento do sistema reprodutor masculino, a produção de espermatozoides e os processos hormonais envolvidos. Dessa forma, os alunos podem compreender não apenas os aspectos sociais e emocionais da sexualidade, mas também os fisiológicos, promovendo um aprendizado mais completo e integrado. Essa abordagem favorece um ensino que valoriza o autoconhecimento e o bem-estar emocional dos alunos, alinhando-se a práticas pedagógicas mais inclusivas e próximas de suas vivências.

Vale destacar que a cena em questão não explica nenhum conceito de forma detalhada, porém, a mãe de Otis inicia uma conversa com ele abordando a masturbação de uma forma mais leve e psicológica (formação acadêmica na série).

4.1.2. Situação 2

Figura 5 – Cena no tempo aproximado: ~10min 25s. O surto de clamídia na escola causa.



Fonte: *Sex Education* (Netflix, 2020)

Na imagem acima (figura 5), vemos o retrato de como as IST's não devem ser combatidas/tratadas, com a fala do Diretor Groff: "Vamos cortar o mal pela raiz! A única forma de prevenção é a abstinência."

Tal acontecimento se encaixa na abordagem Biológica-Higienista de Furlani (2005), pois essa cena reflete uma abordagem que foca apenas na doença e nos riscos da sexualidade, sem considerar aspectos emocionais ou educativos. O pânico gerado pela falta de informações reforça o modelo tradicional de ensino sexual baseado no medo, em vez de uma Educação Sexual completa e emancipatória.

Esse tipo de discurso evidencia a necessidade de uma abordagem mais ampla dentro da sala de aula, que não apenas informe sobre as ISTs, mas também ensine sobre prevenção de forma acessível e realista, incluindo o uso de preservativos e outros métodos de proteção. Além disso, essa temática pode ser trabalhada em conjunto com outros assuntos, como os agentes causadores das ISTs, o funcionamento do sistema imunológico e os impactos dessas infecções no organismo. Nesse sentido, Santos (2021) destaca que práticas pedagógicas que contemplem uma abordagem ampla e contextualizada são essenciais para superar resistências culturais e sociais, permitindo que temas como sexualidade, prevenção e saúde sejam discutidos de maneira integrada e significativa.

A importância de fornecer esse conhecimento aos jovens é ressaltada por Freire (1996), que defende a educação como um processo emancipatório, permitindo que os alunos

tenham autonomia sobre suas decisões. Seguindo essa perspectiva, Louro (2003) destaca que a Educação Sexual deve ir além da mera transmissão de informações biológicas, considerando também as questões sociais e culturais que envolvem a sexualidade.

4.1.3. Situação 3

Figura 6 – Cena no tempo aproximado: ~22min 49s. Otis não entende porque não se excita.



Fonte: *Sex Education* (Netflix, 2020)

Como retratada na imagem (figura 6) e na conversa entre Otis e Ola, ele não entende porque não consegue ficar excitado estando em um momento mais íntimo com sua namorada Ola pergunta: “Por que não tá ficando duro?” Otis responde: “Eu não sei!!”

Podemos alocar essa situação na abordagem Terapêutica (Furlani, 2005), pois a cena reflete um problema sexual específico, relacionado ao corpo e às emoções, que costuma ser tratado sob um viés clínico, psicológico ou médico. Segundo Costa (2004), disfunções sexuais podem estar profundamente ligadas à forma como os indivíduos percebem seu corpo e suas emoções. Costa aponta que muitas vezes, questões emocionais e distorções na imagem corporal contribuem para dificuldades no desempenho sexual, como no caso de Otis. Para ele, é fundamental que esses aspectos sejam abordados de forma terapêutica, buscando uma compreensão mais ampla da pessoa, além do simples tratamento médico, envolvendo também a psique e o contexto social do indivíduo.

Discutir esse tipo de situação em sala de aula é importante, pois a sexualidade e os problemas relacionados a ela são frequentemente cercados de *tabus* e estigmas. Ao trazer à tona essas questões de forma educativa, os estudantes têm a oportunidade de entender melhor

o funcionamento do corpo e os aspectos psicológicos que envolvem a sexualidade, o que pode contribuir para uma abordagem mais aberta e empática.

Além disso, ao utilizar a série como recurso didático, os professores podem promover debates sobre as diversas dificuldades que podem surgir no campo da sexualidade, ajudando os alunos a se sentirem mais à vontade para compartilhar suas próprias experiências e buscar ajuda quando necessário. Isso também favorece um ambiente de aprendizado onde os alunos podem se conscientizar sobre a importância de buscar apoio terapêutico quando enfrentam dificuldades sexuais, emocionais ou de identidade, sem sentir vergonha ou culpa.

A cena em questão não tem nenhuma explicação sobre a não excitação, porém, foi selecionada por ser de imenso potencial para iniciar discussões sobre como corpo e mente estão interligados e como o corpo pode responder a isso.

2

4.2. Episódio 6 - A Festa do Otis

No episódio, Anwar, um dos "Intocáveis", enfrenta inseguranças relacionadas à sexualidade, mais especificamente sobre o sexo com seu namorado e a dúvida sobre o que é chuca². Ele busca ajuda de Otis, que aprende sobre o tema com Rahim. Essa situação evidencia uma das questões centrais discutidas por Furlani (2005), que propõe a necessidade de uma educação sexual que considere as inseguranças e a complexidade dos sentimentos dos adolescentes, longe de abordagens tradicionais e biológicas. A conversa entre Anwar e seu parceiro, resultando em uma noite de amor, reflete as inseguranças típicas da adolescência, que demandam um ambiente de apoio e diálogo aberto.

Enquanto isso, Otis organiza uma festa tentando impressionar Ola, mas seu comportamento impulsivo, embriaguez e ciúmes de Maeve e Isaac resultam em uma série de atitudes descontroladas. Ao fazer um discurso humilhante e transar com Ruby, Otis lida com as consequências de suas escolhas impulsivas, algo que pode ser compreendido através da visão de Furlani (2005) sobre a sexualidade adolescente: um campo de tensões, desejos e inseguranças, frequentemente exacerbados por pressões externas, como o desejo de pertencimento e aceitação. Esse momento expõe a fragilidade emocional de Otis, que busca afirmar sua identidade e sentimentos, mas se perde no processo.

A festa serve como um catalisador para explorar as tensões emocionais e os dilemas pessoais dos personagens. Maeve e Isaac, por exemplo, revelam traumas profundos relacionados ao passado, o que reitera a importância de uma abordagem sensível e cuidadosa

² Chuca é uma lavagem anal feita com o objetivo de limpar o reto antes da prática sexual, geralmente realizada com uso de duchas ou outros dispositivos higiênicos.

na educação sexual, como discutido por Santos (2017). Enquanto Jackson enfrenta uma crise emocional relacionada à pressão sobre seu retorno à natação e à dificuldade em aceitar ajuda psicológica, o episódio ilustra a relevância de se pensar a sexualidade e os conflitos adolescentes em um contexto mais amplo, considerando tanto a saúde emocional quanto os aspectos físicos e sociais envolvidos. A intera o entre esses personagens traz   tona a necessidade de uma educa o sexual que dialogue com as realidades complexas da adolescência e promova a reflexão crítica, como defendido por Furlani (2005).

4.2.1. Situa o 4

Figura 7 – Cena no tempo aproximado: ~7min 55s. Anwar fala com Otis sobre sexo.



Fonte: *Sex Education* (Netflix, 2020)

Na ocasião (figura 7), o personagem Anwar fala: “O meu namorado quer fazer anal. Eu falei que eu já fiz, mas eu nunca fiz.”. Essa fala se relaciona   abordagem Queer (Furlani, 2005), pois promove uma maior liberdade para expressar a sexualidade sem se prender às expectativas convencionais de comportamento. A situa o permite refletir sobre a diversidade de práticas sexuais e identidades, evidenciando a fluidez da sexualidade e desconstruindo normas rígidas sobre o que se espera de um homem, tanto em termos de práticas sexuais quanto de expressão de gênero.

Butler(2003) propõe uma desconstru o das identidades fixas, como a identidade de gênero e a orienta o sexual, e sugere que essas identidades podem ser fluidas e desafiadoras das normas estabelecidas. Basicamente

A utiliza o dessa cena em sala de aula   pertinente, pois permite abordar questões

importantes como consentimento, autoconhecimento e as expectativas em torno da sexualidade de maneira sensível. Para adolescentes, é fundamental que o tema da sexualidade seja discutido de forma clara e respeitosa, abordando não apenas os aspectos físicos, mas também os emocionais e psicológicos envolvidos. Além disso, ela abre espaço para discutir a proteção contra ISTs e práticas sexuais seguras, promovendo a Educação Sexual de forma completa e que contribui para a saúde sexual dos estudantes (Furlani, 2005).

Vale acrescentar também a informação que, o acontecimento/cena não traz uma explicação, ou seja, não explica de forma conteudista, porém, abre discussão sobre conceitos relacionados ao tema sexualidade, precisando da intervenção do/a professor/a para explicar e levantar questionamentos, debates e conceitos.

4.2.2. Situação 5

Figura 8 – Cena no tempo aproximado: ~17min 43s. Eric fala sobre ser gay.



Fonte: *Sex Education* (Netflix, 2020)

Na ocasião (figura 8), o personagem Eric é questionado se a família dele sabe que ele é gay, e a resposta é: "Sim. Eles me amam, mas não sei se me aceitariam de verdade..." Essa fala expressa a dúvida e medo de não ser aceito devido a sua sexualidade e por pertencer a uma família inteiramente cristã. Isso faz com que tal momento se encaixe diretamente na abordagem Religiosa-Radical de Furlani (2005), que apresenta o conflito entre religião e diversidade sexual, destacando como as crenças podem impactar a aceitação da identidade LGBTQIAPN+. O medo de não ser aceito devido a normas religiosas rígidas é uma realidade vivida por muitas pessoas da comunidade, especialmente em contextos familiares e sociais onde a religião é um fator determinante na formação das opiniões e atitudes sobre a

sexualidade. A dificuldade de se reconciliar com a identidade sexual e os valores familiares pode gerar um conflito interno significativo, dificultando a construção de uma autoestima saudável e a aceitação plena de si mesmo.

A discussão sobre sexualidade, identidade de gênero e religião nas aulas de biologia é fundamental, pois o ambiente escolar pode oferecer um espaço seguro para que os alunos explorem esses temas de maneira informada e respeitosa.

Vale ressaltar que a biologia, enquanto ciência que busca compreender as diversas formas de vida e os processos naturais, têm o potencial de fornecer um embasamento científico que desmistifique preconceitos relacionados à sexualidade e à identidade de gênero, abordando a diversidade como uma parte natural da experiência humana. Dessa forma, ao tratar de temas como sexualidade de maneira crítica e embasada, a disciplina pode ir além da transmissão de conteúdos biológicos, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes e respeitosos quanto à pluralidade de identidades. Nesse sentido, é possível estabelecer um diálogo com Freire (2001), para quem a educação deve ser um processo de conscientização, capaz de formar cidadãos críticos, sensíveis e comprometidos com a transformação social. Assim, a biologia, integrada a essa perspectiva freireana, pode desempenhar um papel importante na construção de uma sociedade mais inclusiva.

O diálogo não aborda aspectos aprofundados da sexualidade, mas sim uma perspectiva pessoal e social..

4.2.3. Situação 6

Figura 9 – Cena no tempo aproximado: ~39min 23s. Adam conversa com Eric.



Fonte: *Sex Education* (Netflix, 2020)

Na cena (figura 9), o personagem Adam conversa com Eric e se abre: "Tenho medo e acho que sou bissexual". Essa situação se alinha à abordagem Queer de Furlani (2005), que desafia as normas tradicionais de gênero e sexualidade, reconhecendo a fluidez e a diversidade das identidades sexuais. A fala de Adam evidencia o desconforto diante das expectativas normativas e reforça a ideia de que a sexualidade é atravessada por conflitos, medos e descobertas, não sendo fixa ou imutável. Dessa forma, a cena promove uma reflexão sobre a necessidade de espaços de acolhimento para vivências que rompem com padrões binários e heteronormativos.

Incorporar essa cena nas aulas de Biologia é essencial para promover discussões sobre identidade sexual, autoconhecimento e respeito à diversidade. A escola desempenha um papel crucial na formação dos indivíduos, sendo um espaço onde os estudantes devem sentir-se seguros para explorar e compreender suas identidades. Ao abordar temas como a bissexualidade, os educadores incentivam a desconstrução de preconceitos e estereótipos, promovendo um ambiente inclusivo e acolhedor. Além disso, essas discussões auxiliam na prevenção de bullying e discriminação, contribuindo para o bem-estar emocional dos alunos.

Como destaca Louro (2008), a escola é um espaço privilegiado para discutir temas que atravessam a vida dos estudantes, sendo imprescindível abrir diálogos que valorizem a diversidade e a singularidade de cada indivíduo.

Essa cena/diálogo se mostra bastante importante, mas não por abordar detalhes sobre orientação sexual, pois não aborda, e sim por dar espaço para se dialogar sobre assuntos de extrema importância nos dias atuais como o bullying.

4.3. Episódio 7 - Menino do Sexo

No sétimo episódio, a escola se vê em um caos após as anotações pessoais de Jean serem espalhadas por Groff. Esse ato de violação de privacidade desencadeia uma série de tensões, culminando na demissão de Jean (mãe de Otis e terapeuta sexual). Ela fica ainda mais decepcionada ao descobrir que Otis está gerenciando uma clínica sexual e, ao encontrar a casa destruída pela festa, confronta o filho. A situação de Jean e Otis reflete as questões discutidas por Santos (2017), que aborda como as relações familiares, marcadas por desentendimentos e segredos, impactam o processo de construção da identidade adolescente e as dificuldades na educação sexual, um processo permeado pela confiança e pelo diálogo entre pais e filhos. A traição de Otis é comparada à do pai de Jean, ampliando a sensação de frustração e

desconfiança, que agrava a crise emocional vivida pela personagem.

Na escola, a divulgação das anotações de Jean gera mais conflitos, levando as alunas a uma detenção onde devem refletir sobre suas experiências como mulheres. O episódio destaca o impacto do assédio e da violência sexual na vida das adolescentes, um tema fundamental no campo da educação sexual. A conversa entre Aimee, Viv, Maeve, Ola, Lily e Olivia, em que elas compartilham experiências de assédio e violência, evidencia a necessidade de uma abordagem inclusiva e empática no ensino sobre sexualidade, como sugerido por Furlani (2005), que argumenta que a educação sexual deve ser um espaço de acolhimento e reflexão sobre as experiências vividas pelos adolescentes. A forma como as meninas se unem em solidariedade, quebrando objetos e ajudando Aimee a enfrentar o ponto de ônibus, reflete a importância de redes de apoio entre os jovens, que são essenciais para a saúde emocional e a construção de relações de confiança.

As tensões aumentam à medida que os personagens lidam com questões pessoais e emocionais, como Otis se preocupando com o uso de preservativo após a noite com Ruby e descobrindo a doença de seu pai, e a relação entre Eric e Rahim, que passa por desafios relacionados à religião e identidade. A conversa de Eric com sua mãe, que não aceita Rahim como seu parceiro, e a decisão de Jackson de abandonar a natação para atuar como Romeu na peça, refletem a busca dos jovens por uma identidade mais autêntica e por relações que respeitem suas diferenças.

4.3.1. Situação 7

Figura 10 – Cena no tempo aproximado: ~12min 27s. Otis e Ruby vão comprar uma pílula..



Fonte: *Sex Education* (Netflix, 2020)

Na cena (figura 10) Ruby fala para Otis: "Não podem me ver comprar a pílula do dia seguinte". Podemos relacionar essa fala da personagem à abordagem dos Direitos Sexuais de Furlani (2005), pois ela defende justamente o acesso à informação, ao atendimento de saúde seguro e ao respeito às decisões individuais relacionadas à sexualidade, sem julgamentos ou constrangimentos. A preocupação de Ruby em não ser vista comprando a pílula do dia seguinte revela o estigma e a falta de informação acessível que cercam temas como contracepção de emergência, autonomia sexual e direito à saúde reprodutiva.

Essa cena evidencia como pressões sociais e tabus podem impactar negativamente o acesso dos jovens aos seus direitos sexuais, além de mostrar a importância de discutir abertamente métodos contraceptivos e autonomia sobre o próprio corpo dentro da sala de aula.

Segundo Souza *et al.* (2023), a Educação Sexual nas escolas é fundamental para ampliar o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade, métodos contraceptivos e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, contribuindo para a promoção da saúde e bem-estar desses jovens. Fornecer informações corretas e acessíveis sobre sexualidade, contracepção e prevenção de IST's é fundamental para garantir o exercício pleno dos direitos sexuais e reprodutivos dos jovens, prevenindo desinformação e contribuindo para uma vivência mais saudável e segura da sexualidade. Além disso, possibilita que os estudantes desenvolvam autonomia para tomar decisões informadas e conscientes, sem depender exclusivamente de informações equivocadas que possam circular fora da escola.

A situação é um leque para se abordar diversos assuntos. O uso de métodos contraceptivos, porém deixa espaço para se discutir essa temática nas aulas de Biologia com mais ênfase, o que é fundamental. Pois, permite desconstruir concepções engessadas e também alertar sobre as possíveis escolhas e o uso do mesmo. A disciplina não precisa se limitar apenas à biologia do corpo, pode incluir reflexões importantíssimas para os jovens e o futuro.

4.3.2. Situação 8

Figura 11 – Cena no tempo aproximado: ~30min 07s. O grupo de meninas compartilha histórias de assédio.



Fonte: *Sex Education* (Netflix, 2020)

Na imagem (figura 11) Aimee fala chorando para o grupo: "Não consigo entrar no ônibus." Isso acontece devido a um assédio que ela sofreu. Tal ação desencadeia falas das outras meninas relatando momentos semelhantes ao que Aimee viveu, fazendo assim a situação se encaixar de acordo com Furlani (2005), na abordagem dos Direitos Sexuais, que discute a importância do debate sobre consentimento e segurança no espaço público. A situação e a conversa entre as personagens mostra os diversos tipos de assédio e até algumas formas de proteção, além de abrir um leque de assuntos relacionados à sexualidade e/ou gênero tornando o momento um espaço propício para, principalmente as mulheres. A cena não é recomendada a ser reproduzida sozinha, sem o auxílio de um professor para levantar questionamentos e debates. Porém, é de extrema importância que seja mostrada.

Conforme Louro (2008), é papel da escola promover discussões que transcendam os conteúdos tradicionais e que contemplem também aspectos sociais e subjetivos da sexualidade, como o respeito ao corpo e o consentimento. Nesse sentido, trazer situações como a vivida por Aimee para a sala de aula contribui para que os alunos compreendam que a sexualidade não se limita ao conhecimento biológico, como já falado anteriormente, mas envolve também direitos, segurança e bem-estar.

Abordar temas como o assédio sexual e a violação do consentimento nas aulas de biologia possibilita aos estudantes refletirem criticamente sobre o respeito ao corpo do outro e o direito à integridade física e emocional. Assim, o professor atua como mediador, garantindo

que conteúdos como esse sejam trabalhados de forma responsável e reflexiva, promovendo uma Educação Sexual que ultrapassa o ensino de aspectos reprodutivos e contempla uma formação cidadã e consciente.

4.3.3. Situação 9

Figura 12 – Cena no tempo aproximado: ~43min 39s. Lily conversa com Ola sobre o que sente.



Fonte: *Sex Education* (Netflix, 2020)

Na cena representada acima (figura 12), Lily, uma personagem da série, fala para Ola: "Espera. Acho que eu não quero apenas uma amizade." A cena explora a fluidez da sexualidade, a identidade de gênero e a orientação sexual, questionando normas fixas sobre atração e desejo, fazendo assim essa situação se encaixar na abordagem Queer de Furlani (2005), que desafia a concepção de sexualidade e identidade como algo binário e fixo.

Conforme Louro (2008), a sexualidade e as identidades de gênero são fluidas, dinâmicas e sociais, contrariando a visão essencialista de que existem identidades e orientações imutáveis e predeterminadas. A partir dessa visão, o conceito de identidade sexual é desafiado, abrindo espaço para que os indivíduos possam viver suas sexualidades e identidades de gênero de maneira mais livre e sem a pressão de se enquadrarem em categorias pré-estabelecidas pela sociedade.

Esse tipo de assunto deve ser tratado nas aulas de biologia e permite que os alunos compreendam a sexualidade e o gênero de forma mais abrangente, reconhecendo a diversidade humana além dos binarismos tradicionais. Além disso, ao tratar desses temas, o/a professor/a de biologia não só explora aspectos biológicos, mas também as questões culturais

e sociais que influenciam a forma como as pessoas experienciam e expressam sua sexualidade.

A cena em questão não traz nenhuma explicação explícita, ela abre espaço para diversos assuntos que permeiam o tema em questão, facilitando, assim se espera, a conversa entre professores e alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas evidenciam que a série Sex Education, em tradução aberta Educação Sexual, possui uma vasta gama de material para se trabalhar sexualidade e/ou Educação Sexual nas aulas de Biologia no contexto do Ensino Médio. A série apresenta uma riqueza de diálogos, cenas e personagens que exemplificam as questões de gênero, sexualidade, consentimento e identidade de forma acessível e empática, o que representa um avanço importante em relação aos métodos tradicionais de ensino de Educação Sexual.

As cenas analisadas mostraram-se eficazes para abordar conteúdos de Biologia, ainda considerados tabu por muitos docentes. Observa-se também que essas cenas dialogam com as abordagens descritas por Furlani (2005), fortalecendo a série como um excelente recurso didático. Contudo, situações como a 3 e 8 revelam que algumas discussões precisam ser complementadas pelo professor, ressaltando seu papel central como mediador e agente transformador no ensino.

A análise evidencia como a série pode promover discussões abertas e sensíveis, respeitando as diversidades e realidades dos estudantes, além de contribuir para uma visão mais ampliada das aulas de Biologia, indo além de conceitos rígidos, alcançando dimensões sociais, humanas e pessoais. Este trabalho demonstra que o uso de recursos audiovisuais constitui uma alternativa eficaz para dinamizar as aulas, tornando-as mais inclusivas e conectadas com o cotidiano dos alunos.

Entretanto, para que essa proposta seja efetivamente implementada, é imprescindível investir na formação continuada dos docentes, garantindo suporte teórico e metodológico adequado para que abordem a sexualidade de forma crítica e sem preconceitos. Soma-se a isso a urgência de revisitar a BNCC, que carece de diretrizes claras sobre gênero e sexualidade, especialmente no Ensino Médio, sendo necessário resistir a pressões conservadoras e ampliar espaços para uma Educação Sexual emancipatória, baseada nos direitos humanos.

Assim, conclui-se que incorporar séries como Sex Education no ensino de Biologia amplia as possibilidades pedagógicas, conectando os alunos de maneira significativa aos temas abordados. Essa estratégia não apenas contribui para a construção de uma Educação Sexual humanizada e crítica, mas também para a formação de cidadãos mais conscientes, autônomos e respeitosos com a diversidade. E vale salientar que a série não traz um arcabouço de conteúdos biológicos sexuais (explicação do que é pílula do dia seguinte, definição de sexualidade e/ou gênero, etc), ela aborda uma Educação Sexual de modo mais crítica e para fazer quem assiste pensar.

Além disso, destaca-se a importância de promover espaços de troca entre professores, para que possam compartilhar experiências e debater os desafios enfrentados em sala de aula. Essa prática fortalece a postura docente, tornando o ensino mais relevante e transformador. Este estudo, portanto, abre caminhos para futuras investigações sobre o uso de recursos audiovisuais na Educação Sexual, contribuindo para transformar realidades, combater violências e assegurar o direito à informação e ao respeito às múltiplas expressões da sexualidade humana.

REFERÊNCIAS

- ADOROCINEMA. **Sex Education: Guia da série**. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-23024/>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- AGUIAR, Welesson Portela; FREIRE, Francisca Rayane Duarte; SOUSA, Antônia Dayanne Abreu de. **O uso de recursos audiovisuais no ensino de Sistema Nervoso para alunos de uma escola pública do Município de Sobral**, Ceará. Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente, v. 1, n. 2, p. 76, 2020. Disponível em: <https://www.editoraime.com.br/revistas/index.php/rema/article/view/495>. Acesso em: 13 mar. 2025.
- ASCHER, R. S. Methods and Techniques in Teacher Development, USA, Educational Technology, nov. 1966. In: KRASILCHIK, Myriam. **Prática de Ensino de Biologia**, 4ª Edição, Editora USP, São Paulo, 2004.
- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson/Prentice Hall, 158 p., 2007.
- BARROS, M. D. M.; GIRASOLE, M.; ZANELLA, P. G. **O uso do cinema como estratégia pedagógica para o ensino de ciências e de biologia... O que pensam alguns professores da região metropolitana de Belo Horizonte**. Revista Práxis, v. 5, n. 10, 2013.
- BATISTA, A. P.; FUKAHORI, L.; HAYDU, V. B. **Filme com cenas de violência: efeito sobre o comportamento agressivo de crianças exposto no enredo de uma redação**. Interação em psicologia, v. 8, n. 1, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018
- BRASIL, Ministério da Educação. (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.
- BRASIL, Ministério da Educação. (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, MEC/SEF.
- BORBA, M. C.; OECHSLER, V. **Tecnologias na educação: o uso dos vídeos em sala de aula**. R. bras. Ens. Ci. Tecnol., Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 391-423, mai./ago. 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia"**. Educar em revista, n. 35, p. 37-51, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602009000300004&script=sci_arttext Acesso em: 03 de mar. 2025.

COELHO, R. M. F.; VIANA, M. C. V. **A utilização de filmes em sala de aula: um breve estudo no Instituto de Ciências Exatas e Biológicas da UFOP**. Revista da Educação Matemática, v. 1, 2011.

COSTA, Jurandir Freire. **A Inocência e o Vício: Estudos sobre o Homoerotismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. **O uso perverso da imagem corporal**. Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, v. 26, n. 17, p. 91-108, 2004. Disponível em: https://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno17_pdf/9Cadernos%20n.%2017_O%20uso%20perverso%20da%20imagem%20corporal.pdf.

DINIZ, Bruna; TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini; MAIO, Eliane. **A educação sexual no Brasil: um passo para frente, dois passos para trás**. Diversidade e Educação, v. 12, n. 2, p. 751–775, 2025. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/18159>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FAUSTINO, Shirlei Mendes; D’AFFONSECA, Sabrina Mazo. **Abordando gênero por meio de educação sexual para crianças e adolescentes: um relato de experiência**. Revista Eletrônica de Educação, v. 15, p. e3649016, 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3649>. Acesso em: 11 mar. 2025.

FARIAS, Janaina Teixeira de Oliveira; SANTOS, José Roberto da Silva; NATIVO, Paula Cabral de Souza. **A importância dos recursos audiovisuais no ensino de biologia**. Revista PHD, 2023. Disponível em: https://www.revistaphd.periodikos.com.br/article/10.5281/zenodo.14341825/pdf/revistaphd-4-11-22.pdf?utm_source. Acesso em: 14 mar. 2025.

FRANCO, Victoria Rodrigues. **Entre educar e cuidar: a importância da educação sexual na formação de crianças e adolescentes como estratégia para promover a prevenção de violências, abusos e o combate à desinformação**. 2023. 45 f. TCC (Graduação em Pedagogia) - Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar!: um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis**. 2005.

GAGLIOTTO, G. M.; LEMBECK, T. **Sexualidade e adolescência: a educação sexual numa perspectiva emancipatória**. Educere et Educare – Revista de Educação, v. 6, n. 11, p. 1-18, 2011.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia**. EdUSP, 2004.

LEITE, Paula Rayanny Mendonça et al. **O ensino da Biologia como uma ferramenta social, crítica e educacional**. Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH, v. 1, n. 1, Jul-Dez, p. 400-413, 2017.

LIMA, Mayulle Thalytha Marinho at al. **Percepção dos professores sobre o ensino da sexualidade no Ensino Fundamental**. Revista de Educação e Inovação, v. 10, n. 3, p. 45-58, 2022. Disponível em:
<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/revin/article/view/2116>. Acesso em: 15 mar. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, Jéssica Chaves Duarte. **Educação sexual no ensino básico como forma de combate à violência contra crianças**. 2023. Disponível em:
<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/5180>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MIRANDA, J. C.; CAMPOS, I. do C. **Educação sexual nas escolas: uma necessidade urgente**. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 12, n. 34, p. 108–126, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.7151234. Disponível em:
<https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/732>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio dos Santos. **Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos**. Lumina, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 1-17, 2014. Disponível em:
https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21098?utm_source. Acesso em: 23 mar. 2025.

NASCIMENTO, APC do; ARAUJO, N. de S. **Dificuldades de aprendizagem dos alunos no ensino de Biologia: reflexão a partir de substratos teóricos e pesquisas em uma escola pública de Parnaíba**. 2011.

NAKASHIMA, R. H. R.; AMARAL, S. F. **A linguagem audiovisual da lousa digital interativa no contexto educacional**. ETD-Educação Temática Digital, v. 8, n. 1, p. 33-48, 2006.

NICOLA, Jéssica Anese; PANIZ, Catiane Mazocco. **A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de biologia**. Infor, Inov. Form., Rev. NEaD-Unesp, São Paulo, v. 2, n. 1, p.355-381, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório da Consulta Técnica sobre Educação Sexual**. Genebra: OMS, 2000

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Sexualidade**. Curitiba: SEED-PR, 2009. (Cadernos Temáticos). Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/sexualidade.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

RODRIGUES, Aleilson da Silva. **Ciência por meio da cultura otaku: uma análise da circulação do conhecimento em animes**. 2022. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2022.

SANTOS, E. G.; PASINI, M.; RUDEK, K. **Reflexões sobre o uso da mídia cinematográfica no Ensino de Ciências e Biologia nos ENEBIO**. In: X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – X ENPEC. Águas de Lindóia, SP – 24 a 27 de Novembro de 2015.

SANTOS, E. G; SCHEID, N. M. J. **A História da Ciência no Cinema: contribuições para a problematização da concepção de natureza da ciência**. 1ª Edição. Curitiba: Appris, 2014.

SANTOS, Júlio César de Oliveira. **Homossexualidade, juventude e experiência escolar: modos de ser e resistir na escola**. Seminário Internacional Desfazendo Gênero. Campina Grande-PB: UEPB, 2017.

SANTOS, Júlio César de Oliveira; OLIVEIRA, Anna Luiza Martins. **Gênero, sexualidade e ensino de biologia: o que pode um corpo estranho nos currículos de biologia?** Revista Educação e Linguagens, v. 9, n. 17, p. 180-200, 2020.

SANTOS, P. N.; DA SILVA AQUINO, K. A. **Utilização do cinema na sala de aula: aplicação da química dos perfumes no ensino de funções orgânicas oxigenadas e bioquímica**. Química nova na escola, v. 33, n. 3, p. 160-167, 2011.

SANTOS, S. N.; NORO, A. **O uso de filmes como recurso pedagógico no ensino de neuro farmacologia**. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 17, p. 705-714, 2013.

SARTORI, Thiago Luiz. **Análise da educação brasileira em face ao estudo da sexualidade: marginalização da educação sexual na BNCC**. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, v. 23, p. e022001, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/15558>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**. São Paulo: Artmed, 2000.

SILVA, I.C.S.; PRATES, T.S.; RIBEIRO, L.F.S. **As novas tecnologias e aprendizagem: desafios enfrentados pelo professor na sala da aula**. Revista em debate (UFSC), Florianópolis, 2015.

SILVA ROSA, P. R. **O uso dos recursos audiovisuais e o ensino de ciências**. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 17, n. 1, p. 33-49, 2000.

SOUZA, A. D. de et al. **Educação sexual: avaliação do conhecimento de adolescentes de uma escola do Vale do Jequitinhonha - MG**. Revista ELO – Diálogos em Extensão, v. 12, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/elo/article/view/14882>. Acesso em: 14 mar. 2025.

TELES, Rodrigo Borges. **O uso das mídias audiovisuais em um contexto educacional.** Revista Saberes e Sabores Educacionais, v. 10, 2023. Disponível em: <https://revistas.uceff.edu.br/saberes-e-sabores/article/view/439>. Acesso em: 9 mar. 2025.

TOMAZINI NETO, Bruna Cristina; LIMA, Bárbara Grace Tobaldini de; MEGLHIORATTI, Fernanda Aparecida. **Recursos digitais no ensino de ciências: o caráter auxiliar e pedagógico das tecnologias em sala de aula.** Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista – ENCITEC, v. 15, n. 1, p. 121-139, 2025. Disponível em: <https://san.uri.br/revistas/index.php/encitec/article/view/1036>. Acesso em: 6 mar. 2025.

UNESCO. **UNESCO defende educação sexual e de gênero nas escolas para prevenir violência contra crianças e adolescentes.** Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/73283-unesco-defende-educa%C3%A7%C3%A3o-sexual-e-de-g%C3%AAnero-nas-escolas-para-prevenir-viol%C3%AAncia-contr>. Acesso em: 6 mar. 2025.

VIANA, S. S.; AUGUSTINHO, E.; ROÇAS, G. **O uso do cinema como ferramenta pedagógica para o ensino de ciências no curso PROEJA.** VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - ENPEC, Campinas, p.1-13, 2011.